

O que pode um signo? Descolonização e sertão: por um novo modo de produzir valor¹

Marcelise Lima de Assis²

Seria a realidade algo em função do signo e assim movida pelo simbólico? Se sim, podemos ressignificar a realidade a partir do signo? Este trabalho objetivou um breve estudo bibliográfico a respeito do signo linguístico *sertão*, abordando aspectos do seu uso como representação de lugar para pensar possíveis modos de transgredir e apontar vias pelas quais possamos ressignificar o signo. Desse modo, com o objetivo de responder tais questionamentos nasce este texto que também é fruto de inquietações pessoais desta que escreve (*sertaneja e nordestina*). Começamos nossas implicações pelo pensamento de Santos, (2015), o qual diz “Perguntar sobre quem é que é isso ou aquilo, sob que condições históricas e políticas recebeu tal e qual significado, sob que artimanhas circula numa dada comunidade linguística (SANTOS, 2015, p. 152).

Desse modo, para pensarmos a condição do estudo de representação de *sertão*, primeiramente cabe entender como ele se constitui a partir da noção de signo. Acreditamos que “a palavra não nasce agarrada à coisa que representa, uma coisa representada pode, além da palavra, ser recoberta de outros signos” (SANTOS, 2015, p. 152). Ao refletir sobre o signo linguístico, nos remetemos ao pensamento de Ferdinand Saussure (2006), para o qual o signo se estrutura em um sistema de representação, composto por dois aspectos separados - o *significante* ou estrutura material, melhor dizendo: ao pensarmos em algo do qual já possuímos conhecimento, como que o som ecoa no cérebro criando uma espécie de imagem acústica referente. Enquanto que o

¹ Trabalho apresentado no GT 02 – Interculturalidade epistêmica e perspectivas decoloniais na América Latina.

² Mestranda em Crítica Cultural na UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Endereço eletrônico: lisy_assis@hotmail.com.

significado ou estrutura conceitual está ligado à imagem que se cria através do *significante*. Assim se dá o nome, o conceito, o pensamento, e as representações. Ao pensarmos ambos os lados do signo, suas zonas de caracterização, uso histórico, podemos refletir com Saussure (2006) que o sistema sígnico pensado por ele explica e gera os significados dentro dele, fechando o capo na significação das coisas, que em sua maioria não dão conta da totalidade do real, ou melhor, parece haver uma impossibilidade de representação, vez que, ao tentar representar algo, o sujeito levará em seu olhar toda uma marca simbólica pessoal e até coletiva. Não é fácil fugir do simbólico.

Desse modo, para refletirmos sobre o *sertão* como signo que sustenta uma determinada representação, podemos pensar: em um contexto de Brasil, o sertão nordestino por muito tempo e ainda hoje foi/é visto com óticas estereotipadas em relação às outras partes do país, uma pesquisa rápida no *Google*, sobre o signo *sertão* seria um dos mais claros exemplos desta afirmação: seco, terra rachada, crianças chorado, sol escaldante, miséria - desse modo apresentam a imagem do sertão nordestino ao mundo, como algo que, olhando de longe, parece inóspito e improdutivo. Há um jogo simbólico que conseguiu homogeneizar o sertão nordestino nos signos da seca e o que pretendemos pensar está marcado por outro olhar. Ou melhor, o que queremos aqui não é negar a seca e todo problema social do nordeste, nem mesmo culpabilizar outras regiões, mas pontuar o poder violento da representação a partir da noção de signo para visibilizar o que é heterogêneo e que lateja oculto no ceio do que se tornou homogêneo e fechado no discurso da seca.

Se pensarmos nas artes, percebemos que estas possuem papel singular para refletirmos sobre o real, a realidade e a transgressão para além dessas representações que insistem em manter a ideia de sertão nordestino como um lugar quase improprio para a vida. As novelas televisionadas, a própria historiografia do Brasil se faz formadora de uma subjetividade que em sua maioria subalternizou o sertão dentro do país, como pontua Albuquerque (2006), o que, segundo ele, inviabilizou investimentos

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 1, n. 1, 2017.

governamentais para esta região, visto que, não havia interesses em investir em um lugar no qual nada parecia germinar. Por outro lado, o discurso regionalista que era exposto pela elite nordestina tentava convencer o governo a investir recursos na região, criando a imagem de que a terra era deserta e imprópria para sobrevivência. Desse modo, o conceito de deserto culminou para a criação de um preconceito para com o lugar no imaginário de outros estados, ficando, dessa forma, o Sul do Brasil, como possibilidade de vida para essas pessoas, criando a ideia de Sul/oásis e mais, do rural como atrasado, do urbano como civilizado.

Nomear as coisas é papel do ser humano, sendo assim, ao nomear, o sujeito também atribui valor, valora a coisa a qual nomeia, para isso ele vai precisar caracterizar o signo com base no seu contexto, desse modo ele entra no simbólico, a partir daí, a arte, a literatura, a história a ciências linguísticas e sociais irão pautar seu uso levando em consideração todo o histórico do sógnico, sua construção social etc.

Cabe ainda neste resumo refletirmos historicamente sobre o signo sertão, sobre o cenário e algumas complexidades que envolvem tanto o termo/signo quanto o lugar, o pensamento de Barroso (1962) auxilia entender que as revelações sobre os segredos que envolvem o termo sertão estariam no Dicionário da Língua Bunda de Angola, de onde o vocábulo africano mulcetão teria se transformado em sertão. Barroso (1962, p. 9), em seu estudo etimológico, afirma que “nenhuma palavra é mais ligada à história do Brasil e, sobretudo à do Nordeste do que a palavra SERTÃO”.

Para Ferreira, (2004), o termo sertão chegou até terras nordestinas ainda no período da colonização, quando havia a necessidade de nominar terras distantes dos mares e rios. Nessa linha de pensamento, se pensarmos que a terra e as características atribuídas a ela, em termos geográficos, como no caso de sertão, falam pelas suas populações, podemos pensar que os atributos da terra automaticamente passam para as pessoas residentes nessas regiões, e o sertão, este lugar no qual acreditam que tudo é pouco e limitado, exceto a seca, a ausência, justificando, quem sabe, o preconceito gerado e sustentado da ideia de lugar menor em relação a outras partes ‘desenvolvidas’

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 1, n. 1, 2017.

do Brasil, entendendo desenvolvimento como urbanização, industrialização, comércio, progresso, civilização etc, visto que, no nordeste/sertão pode se encontrar grupos e modos de ainda inversos aos urbanos.

Se para uma pesquisa no *Google*, lugar onde as coisas sempre atualizam (*internet*) o termo sertão representa um lugar ainda improvado, significa dizer que o signo precisa de estudos, de releitura, e acreditamos que isso será possível a partir da proposta de Mignolo (2008) da descolonização, e em nossa reflexão, a descolonização do signo, o que culminará, quiçá, em uma abertura para que possamos fazer leituras de outras imagens desse sertão, seja pela arte, seja pelo cinema, seja pela pesquisa científica - pautado na desobediência ao modo como o sertão é representado.

Mas de que modo podemos produzir novos valores para o sertão nordestino tendo como foco a linguagem, o signo e sua representação estereotipada? A quiçá de alguma resposta, podemos pensar: descolonizar para romper o entendimento que se tornou tradicional pode ser o ponto de partida para o corte que mostrará as potencialidades do sertão nordestino, indo além da representação da seca, pois como já vimos anteriormente, a coisa representada pode estar ocultando, através dos símbolos, toda uma heterogeneidade que marca o lugar, toda a potência do lugar, sua riqueza na agricultura familiar, nas artes de modo geral, nos mitos etc inviabilizando a potência do sujeito resistente. Descolonizar é questionar o modelo colonial de nominar as coisas. Se com a colonização o termo sertão foi usado para nominar lugares desertos, há que se posicionar não exatamente contra, mas, ao lado, no sentido de entender que o deserto não representa o sertão de hoje e que se em algum tempo representou, são questões que, como pontuou Albuquerque (2006) giram em torno de investimentos, estrutura e ações sociais.

Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do nordeste: e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2006.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 1, n. 1, 2017.

BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Um Longe Perto: Os segredos do sertão da terra*. In: *Léngua & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v.3, nº 2, 2004, p. 25-39.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Subjetividade e história*. In. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MINGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008. Disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf>.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Primeiros passos de um crítico cultural*. Salvador: EDUNEB, 2015.

SANTIAGO, Silvano. (Supervisão). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SANTOS, Boaventura dos. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005. pp.23-32.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006.